

Crise climática e animismo: um modo de coexistir e resistir

Climate crisis and animism: a way to coexist and resist

Alonso de Souza Gonçalves¹

RESUMO

O debate em torno do clima não pode ficar circunscrito apenas aos políticos como também aos cientistas, ainda que estes últimos tenham dado importante contribuição para entendermos o processo em que todos estamos em relação a crise climática. Por isso está havendo uma sensibilidade quanto a outras maneiras de pensar a vida como um modo de resistir a captura do capitalismo, identificado como a principal causa do atual quadro do planeta. É dentro dessa perspectiva, que pontuamos a *cosmo-convivência* dos povos originários na representação que Ailton Krenak faz a partir das suas palavras transformadas em textos. Com o seu engajamento político e intelectual a favor dos povos originários e da floresta, Krenak contribui para (re)pensar as relações humanas com a natureza.

PALAVRAS-CHAVE

Clima; Ailton Krenak; Povos originários; Humanidade; Natureza.

ABSTRACT

The debate around climate cannot be limited only to politicians but also to scientists, although the latter have made an important contribution to understanding the process in which we all find ourselves in relation to the climate crisis. That is why there is a sensitivity to other ways

¹ Doutor em Ciências da Religião (UMESP). Pós-doutor em Teologia (PUC-SP). Docente no PPG em Teologia da Faculdade Teológica Sul Americana, Londrina, PR.

of thinking about life as a way to resist the capture of capitalism, identified as the main cause of the current situation of the planet. It is within this perspective that we highlight the coexistence of native peoples in the representation that Ailton Krenak makes from his words transformed into texts. With his political and intellectual engagement in favor of native peoples and the forest, Krenak contributes to (re)thinking human relationships with nature.

KEYWORDS

Climate; Ailton Krenak; Native peoples; Humanity; Nature.

Introdução

Eu acredito que aqueles países ricos, aqueles seis ou sete países ricos nos próximos anos, vamos dizer daqui até 1992 [ano que ocorre a ECO-92 no Rio de Janeiro], eles vão fazer uma reunião de cúpula aonde eles vão estar encurralados pela urgência... Pela urgência planetária de proteger o mundo, proteger a vida. Eles vão fazer isso, simplesmente, porque vai ser posto à disposição deles, dados que provam que o nosso planeta está entrando em colapso. Eles querem continuar sendo os países mais ricos do mundo e para continuar sendo os países mais ricos do mundo, precisa ter mundo! Alguma coisa vai ter que acontecer. (Ailton Krenak)

O Acordo de Paris em 2015 aconteceu com o propósito de viabilizar uma agenda positiva de compromissos em reduzir a emissão de gases poluentes no planeta. Ainda que os acordos foram considerados tímidos, o Acordo foi tratado como um significativo avanço no processo de diminuição de poluentes na atmosfera. Ao que parece, o tempo não está colaborando muito e as mudanças acordadas parecem ser irrisórias diante do quadro climático que está diante de nós. É uma corrida contra o relógio do planeta. Na mesma percepção, ocorreu a COP-26 em Glasgow, na Escócia. Nesse encontro, reuniu-se os principais líderes mundiais com o objetivo de discutir as mudanças climáticas e avançar um pouco mais com o que já se tinha no Acordo de Paris em 2015. Em Glasgow estavam presentes políticos, empresários, autoridades e cientistas, debatendo de

como poderiam desacelerar os efeitos das ações do ser humano no planeta. O encontro contou também com a participação de representantes dos povos originários, notadamente brasileiros. A única indígena que discursou na Conferência foi Txai Suruí, de Rondônia. O texto da Conferência chegou a uma conclusão de que os indígenas são fundamentais para a preservação das florestas, reivindicando, assim, maior apoio a esses povos.

Na contramão desse esforço global em torno do clima, ainda que o capitalismo seja o centro dos debates, o Brasil, que poderia ser uma liderança nesse tema, se vê encurralado quando o mundo enxerga na biodiversidade brasileira um fator de extrema importância para o equilíbrio climático do planeta. Ocorre que o atual governo segue ignorando esse fato e promovendo – com uma fiscalização pífia; o desmonte dos órgãos de controle; a conivência com os crimes que ocorrem na floresta do chefe do executivo federal –, o desmatamento em níveis alarmantes na Amazônia nos três últimos anos. Isso se deve pelo fato do atual governo, assim como em praticamente todas as outras áreas da administração federal, não ter uma política definida e comprometida com os acordos firmados em Paris em 2015 e discutidos na COP-26. A consequência mais evidente se dá no isolamento do país da comunidade internacional, bem como a falta de credibilidade nos negócios.

O debate em torno da crise climática não pode ficar circunscrito apenas aos políticos e aos empresários que querem um selo de “amigos da sustentabilidade”. Muito menos aos Estados, capturados pelo sistema capitalista. Assim como Glasgow chegou à conclusão de que os povos originários devem ser melhor ouvidos, não será os Estados-nação a conduzirem o processo de refreamento do momento crítico em que nos encontramos no planeta. Como bem lembra Isabelle Stengers, “não se deve confiar no Estado”,² porque este já traiu a sua missão há muito tempo. Já não é possível supor que os Estados possam liderar, cabalmente, o adiamento da catástrofe. Isso porque já abandonamos “o sonho de um Estado protetor do interesse de todos, baluarte contra os ‘excessos’ do capitalismo”. E não se trata de colocar os Estados como cúmplices do capitalismo ou que meramente são ‘usados’ por este e nada podem fazer.

² STENGERS, Isabelle. *No tempo das catástrofes: resistir à barbárie que se aproxima*. São Paulo: Cosac Naify, 2015, p. 67.

As recorrentes crises e, em especial a de 2008, demonstrou o quanto os Estados estão à serviço do capitalismo quando este gera suas crises sistêmicas e precisa ser socorrido quando agoniza por falta de lucro. Assim, entre os Estados e o capitalismo, há “uma lógica do ovo e da galinha, isso não implica confundir a galinha com o ovo – não há simetria entre eles –, mas afirmar a impossibilidade de compreender um sem referência ao outro”.³

Há um certo consenso mundial de que é preciso haver alguma mudança a médio e longo prazo enquanto civilização tida como ‘moderna’ no modo consumista de viver; também há um certo acordo de que caminhemos para uma catástrofe ou o *apocalipse* climático se nada for feito em um curto espaço de tempo. Não por acaso que filósofos estão refletindo quanto ao possível colapso que o capitalista vem promovendo. Assim, filósofos como Slavoj Žižek, por exemplo, já anunciou que “vivemos no fim dos tempos”, comparando as nossas crises com os quatro cavaleiros do Apocalipse, que são: “a crise ecológica, as consequências da revolução biogenética, os desequilíbrios do próprio sistema (problemas de propriedade intelectual, a luta vindoura por matéria-prima, comida e água) e o crescimento explosivo das divisões e exclusões sociais”.⁴ No mesmo caminho está Bruno Latour, defendendo uma fusão entre *escatologia* e *ecologia* não como um recurso à irracionalidade ou adesão mística a um mito religioso, mas sim para chamar a atenção para o fato de que estamos sem tempo e recorrer ao “apocalipse é um apelo para as pessoas serem enfim racionais, para terem os pés no chão”.⁵ Ou seja, é preciso dizer que a situação está ficando sem controle e isso não é alarmismo, mas contagem regressiva. Ocorre que nem todos estão levando os dados em conta, por isso é necessário dizer para que mais pessoas possam escutar “as trombetas escatológicas” que anunciam o fim dos tempos.⁶

É a partir desse debate climático que envolve a política, a economia, o ‘fim dos tempos’, o possível ‘apocalipse’ e a catástrofe iminente, que fazemos ressoar a *cosmo-convivência* como experiência-sabedoria dos povos originários. A fim de delimitar o tema em uma representação indígena,

³ STENGERS, 2015, p. 68.

⁴ ŽIŽEK, Slavoj. *Vivendo no fim dos tempos*. São Paulo: Boitempo, 2012, p. 11-12.

⁵ LATOUR, Bruno. *Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza no antropoceno*. São Paulo/Rio de Janeiro: Ubu/Ateliê de Humanidades, 2020, p. 343.

⁶ LATOUR, 2020, p. 343.

considerando a abrangência de tradições que povoam o território nacional e a diversidade dos povos originários no Brasil, focaremos na fala/escrita do ativista e intelectual indígena, reconhecido como uma voz vibrante e contundente dos povos originários, Ailton Krenak.

Aqui faremos uso apenas dos seus textos, com o objetivo de apreender a potência das falas/escritas de Krenak. De acordo com Viveiros de Castro, Krenak, assim como Davi Kopenawa, fala para os brancos. É de lá de dentro para fora e não ao contrário, como estamos habituados a ver, ler e ouvir. Ouvir de dentro para fora faz toda uma diferença, ainda mais quando há uma apropriação consciente da “indianidade de modo simultaneamente intelectual e existencial” como fez Krenak.⁷

Com o intuito de abrir ainda mais o diálogo com perspectivas que pensam as questões que enfrentamos enquanto habitantes de *Gaia*, agregamos de maneira respeitosa e paritária a *cosmo-convivência* indígena representada em Ailton Krenak, por entender ser ele um legítimo portavoiz de uma fração das nações indígenas. A relação que os povos originários têm com a floresta, atribuindo uma relação de interatividade espiritual entre humanos e todos os demais seres vivos, confronta com a conhecida máxima ocidental sujeito-objeto, responsável por separar natureza/humanidade/conhecimento/cultura.⁸ Essa separação é completamente impensável para os povos originários. Desse modo, esperamos ampliar a percepção quanto a uma relação de maior intensidade e comprometimento com os problemas que afetam a todos. Compartilhamos da percepção de Isabelle Stengers de que não há mais condições em acreditar que o mesmo sistema-mundo que nos colocou nessa catástrofe iminente poderá nos apresentar uma alternativa plenamente viável. Quando esse sistema-mundo adotou o crescimento econômico como mote de

⁷ VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. “Alguma coisa vai ter que acontecer”. In: KRENAK, Ailton. *Encontros*. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2015, p. 11-12.

⁸ Em relatório inédito, a FAO considera ser os povos originários fundamentais para atenuar a crise climática. Segundo o relatório, o conhecimento, as inovações e as capacidades de resiliência dos povos indígenas são essenciais para a transformação rumo a um mundo mais sustentável e amigo do clima e devem ser incluídos nos processos de formulação de políticas. De acordo com o diretor da FAO, os povos indígenas dão grandes contribuições para transformações positivas; no entanto, eles geralmente têm sido negligenciados no desenho de estratégias globais para mitigar e se adaptar às mudanças climáticas.

desenvolvimento, não é possível esperar que o mesmo sistema-mundo apresente uma saída tão fácil. Antes, parece que há um certo consenso de que “o caráter intrinsecamente ‘insustentável’ desse desenvolvimento, que alguns anunciavam há décadas, tornou-se agora um saber comum”.⁹ Portanto, não será o “responsáveis por nós”, ou aqueles que se julgam responsáveis, que apresentarão a alternativa que mude a rota catastrófica que a humanidade caminha. *Gaia*, que é um ser vivo, chega como uma *intrusa* (termo usado por Stengers para tratar da conta que *Gaia* pretende cobrar depois de décadas de abusos e falta de empatia) no progresso dos países e das pessoas, porque foi ofendida pela ação humana.¹⁰

Partimos aqui do seguinte pressuposto:

O modelo político-social-econômico é o resultado da modernidade/ciência no Ocidente. A modernidade/ciência, enquanto produtora de conhecimento e ideologia, deixou um legado maléfico para o modo de existir do humano e sua relação com o planeta. Quando se estabeleceu a relação do ser humano com o mundo sob o paradigma do *sujeito-objeto*, inaugurou-se uma ideologia, a de que a ciência triunfa sobre a natureza, ignorando os seus limites e espaços. A proposta da modernidade/ciência foi subjugar a natureza ao conhecimento científico, não se importando com as consequências que advinha disso. Não havia uma preocupação ecológica, o interesse era desvendar a natureza e tirar dela todo o proveito possível para o desenvolvimento econômico e científico.

Assim, a modernidade/ciência alçou a condição de “universal” e a Europa o centro desse conhecimento. Jürgen Habermas, por exemplo, coloca a Europa como centro do conhecimento e disseminação cultural não sendo, segundo ele, uma cultura arcaica. As demais culturas são passíveis de elementos míticos e, por isso, não possuem os elementos necessários para desenvolver o conhecimento científico. Para Habermas,

em sociedades arcaicas, os mitos cumprem de maneira exemplar a função unificadora própria às imagens de mundo. Ao mesmo tempo, no âmbito das tradições culturais a que temos acesso, eles proporcionam o maior contraste em relação à compreensão de mundo dominante

⁹ STENGERS, 2015, p. 9.

¹⁰ STENGERS, 2015, p. 40.

em sociedades modernas. Imagens de mundo míticas estão muito longe de nos possibilitar orientações racionais para a ação, no sentido em que as entendemos. No que diz respeito às condições da condução racional da vida no sentido anteriormente apontado, constituem até mesmo uma contraposição à compreensão de mundo moderna.¹¹

Diante desse enunciado habermasiano, fica patente o lugar eurocentrado de fala do filósofo alemão. A crítica que se faz a essa concepção de “centro do mundo” dado à Europa, principalmente feita em um contexto colonizado, é de que desde “Hegel, Marx, Comte, até Weber, incluindo Freud, Husserl, Heidegger, Popper, Lévinas, Foucault, Lyotard ou Habermas, o eurocentrismo brilhará sem oposição. E dominará o mundo colonial com pompa da ‘Cultura Ocidental’, como a expressão de ‘desde sempre’ o centro mais desenvolvido da humanidade”.¹² Importa, portanto, fazer uma crítica ao modo de existir baseado na modernidade/ciência que legou um estado catastrófico quando ignorou e, por inúmeras vezes, suplantou, toda e qualquer experiência cultural que reivindicasse um outro olhar para a natureza quando a considerou um organismo vivo. Não por acaso que filósofos da ciência, como Isabelle Stengers e Paul Feyerabend, por exemplo, estão insistindo em um modo de coexistir com a ciência que leve em consideração o conhecimento/cultura de povos marginalizados no processo de desenvolvimento científico.

Ailton Krenak, legítimo porta-voz dos povos originários, contribui para um pensamento decolonial quando trabalha com as categorias do pensamento ocidental, desconstruindo-os e demonstrando suas incongruências. Krenak, em suas falas, uma vez que o indigenista não escreveu nenhum livro, tem potência e vibração como uma pedra quincante quando jogada no rio. A experiência-sabedoria de Krenak está em seus pequenos textos que faremos uso aqui quando considerarmos dois alvos da sua crítica a esse modo de existir inaugurado pela modernidade/ciência.¹³

¹¹ HABERMAS, Jürgen. *Teoria do agir comunicativo 1: racionalidade da ação e racionalização social*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012, p. 94.

¹² DUSSEL, Enrique. *Paulo de Tarso na filosofia política atual e outros ensaios*. São Paulo: Paulus, 2016, p. 162-163.

¹³ “A episteme que instituiu o debate político é em si colonial. Ela traz um molde conceitual, estabelecido por uma lógica que nós, hoje, somos capazes de identificar

Coexistir: humanidade e natureza

A gente foi colonizado pela ideia do desenvolvimento. Será que não está na hora da gente pensar em envolvimento com o mundo que compartilhamos? Se a gente buscar o envolvimento, talvez volte a dar sentido para os povos originários, as suas formas de organização, seu jeito de pensar o bem-estar, seu jeito de pensar o que é necessário para a gente viver. (Ailton Krenak)

Quando Ailton Krenak começou a ler a literatura universal, diz que ficou assustado e o que o assustou tanto foi a ideia ocidental de que o “homem é total”.¹⁴ A ideia de que é possível submeter a natureza, deixou Krenak incrédulo, uma vez que essa ideia “não existe” na tradição indígena. Para os povos originários, que tem uma trajetória de convívio com a natureza, a experiência com o mundo se dá em outras categorias, diferente das categorias que a ciência estabeleceu: “Nós temos uma consciência cósmica dos povos nativos do mundo e é por isso talvez que a gente não divide o mundo em departamentos, mas nós entendemos o mundo como lugar”.¹⁵

A mentalidade indígena não separa o humano da natureza. Embora isso pareça ser óbvio, é um processo que segue sendo ignorado por aqueles que querem fazer o uso predatório da floresta, dos rios e montanhas. Para a *cosmo-convivência* indígena, a Terra é uma grande canoa e todos estamos dentro dela, portanto não é possível tirar pedaços da canoa e achar que isso não terá consequências. Para Krenak, “quando despersonalizamos o rio, a montanha, quando tiramos deles os seus sentidos, considerando que isso é atributo exclusivo dos humanos, nós liberamos esses lugares para que se tornem resíduos da atividade industrial e extrativista”.¹⁶

A diferença está na maneira de como se entende dentro de um Todo. Para os povos originários, a separação entre “humanidade e natureza”

como uma lógica ocidental. É a razão do Ocidente imprimindo sentido em outros mundos, criando sujeitos que vão ser a imagem e semelhança dessa racionalidade que instituiu” (KRENAK, 2021, p. 64-65).

¹⁴ KRENAK, Ailton. *Encontros*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2015, p. 91-92.

¹⁵ KRENAK, 2015, p. 153.

¹⁶ KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020b, p. 49.

não é possível porque “a natureza se torna antropomorfizada e assume um cunho mágico-animista, a sociedade, seus sujeitos, suas relações e seus valores tornam-se naturalizados”.¹⁷ Não por acaso que essa perspectiva indígena enquanto formação de uma sociedade ameaça, de alguma maneira, o *status quo* da sociedade ocidental quando tem uma forma de existir no mundo que não seja predatória, mas reconciliadora com a natureza.¹⁸

A cosmo-convivência indígena já foi muito desqualificada pela modernidade/ciência. Alegava-se que eles viam as coisas de maneira anímica, portanto, não científica ou passível de uma análise mais profunda, a partir da ótica ocidental. Não surpreende que há pouco tempo essa perspectiva anímica vem sendo alvo de profunda reflexão por parte de filósofos e até mesmo cientistas.¹⁹

Por animismo, fiquemos com uma definição de Viveiros de Castro: “Animismo se define pela ideia de que outros existentes além dos humanos são pessoas”.²⁰ Dito de outro modo: “O animismo não seria mera crença, representação simbólica ou forma primitiva de religião, mas, antes de tudo, uma ontologia, modo de descrever tudo o que existe, associada a práticas”.²¹ O animismo, nesse sentido, se constitui como a principal

¹⁷ DANNER, Fernando; DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco. “Pensamento indígena brasileiro como crítica da modernidade: sobre uma expressão de Ailton Krenak”. *Griot: Revista de Filosofia*, v. 19, n. 3, 2019, p. 85.

¹⁸ Apesar das controvérsias que cercam a ideia de saberes indígenas, especialmente depois da usurpação da história mundial pelo eurocentrismo, esta ideia permanece tão importante como nunca para a imaginação do futuro do mundo para além dos limites ocidentalistas de conhecer, imaginar e ver o mundo. [...] a ideia de saberes indígenas tem um potencial realista para influenciar o futuro do mundo para além da atual visão de mundo fundamentalista ocidental que falsamente finge ser a única visão capaz de universalidade (NDLOVU, Morgan. “Por que saberes indígenas no século XXI?: uma guinada decolonial”. *Epistemologias do Sul*, v. 1, 2017, p. 128).

¹⁹ Isabelle Stengers fala em “reativar o animismo”: “Reativar significa reativar aquilo de que fomos separados, mas não no sentido de que possamos simplesmente reavê-lo. Recuperar significa recuperar a partir da própria separação, regenerando o que a separação em si envenenou” (STENGERS, Isabelle. “Reativar o animismo”. *Cadernos de Leituras*, n. 62, 2017, p. 8).

²⁰ VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Metafísicas canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural*. São Paulo: Ubu Editora, 2018, p. 80.

²¹ SZTUTMAN, Renato. “A notável atualidade do animismo”. *Outras Palavras*, 2021. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/eurocentrismoemxeque/a-notavel-atualidade-do-animismo/>>. Acesso em: 21 out. 2021.

chave para acessar o mundo animado, ou seja, as relações que se estabelece com o mundo animado passa pela perspectiva de que o outro também se vê como humano, portanto, são sujeitos, não meros objetos inanimados. Assim, de acordo com Renato Sztutman, na perspectiva indígena “onças e outros animais (mas também plantas, astros, fenômenos meteorológicos) são, em suma, humanos ‘para si mesmos’”. Com isso, há uma relação de amizade, de companheirismo, de conaturalidade entre os seres. Essa relação é ainda mais evidente com o xamã: “Um xamã ameríndio seria capaz de mudar de perspectiva, de se colocar no lugar de outrem e ver como ele o vê, portanto, de compreender que a condição humana é partilhada por outras criaturas”.²²

Sobre o anímico (humanidade e natureza em consonância), Krenak faz uma importante diferenciação: “Sagrado pode ser tudo aquilo em que botamos os olhos, a depender dos olhos com que enxergamos o mundo. Se vemos uma montanha como toneladas de minério a serem transformadas em carros e outras bugigangas, então não pode ser sagrada”.²³ A relação de profundidade se dá enquanto olhar o outro como um igual a si. A essa conectividade, Viveiros de Castro trabalha a partir do *perspectivismo*, o que seja: a percepção indígena que enxerga o “outro” como sujeito e não objeto.²⁴ Essa relação é anímica. Krenak, por exemplo, natural do Vale do Rio Doce, fala da montanha da seguinte maneira: “Essa montanha é sagrada, ela tem um humor, ela fala [...]. A montanha fala comigo, porque eu me reconheço nesse lugar”.²⁵

Dentro desse aspecto ainda, Tim Ingold destaca muito bem qual o sentido dessa relação anímica entre os povos originários: “Na ontologia anímica, os seres não ocupam simplesmente o mundo, eles o habitam e, ao fazê-lo – ao percorrer seus próprios caminhos através da teia –, eles contribuem para manter a trama sempre em evolução”.²⁶ Aqui é possível entender o porquê Davi Kopenawa faz o apelo: “Gostaria que os brancos

²² SZTUTMAN, 2021.

²³ KRENAK, 2015, p. 231.

²⁴ VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Encontros*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2007, p. 119-120.

²⁵ KRENAK, 2015, p. 256.

²⁶ INGOLD, Tim. “Repensando o animado, reanimando o pensamento”. *Espaço Ameríndio*, v. 7, n. 2, 2013, p. 16.

parassem de pensar que nossa floresta é morta e que ela foi posta lá à toa. Quero fazê-los escutar a voz dos *xapiri* que ali brincam sem parar”.²⁷ De nenhuma forma a floresta é uma coisa, como se fosse apenas terra, ou madeira, ou água, como se não fossem nada ou apenas recursos para explorar. Antes, a floresta é viva e morada dos *xapiri* porque, “segundo a mitologia yanomami, os animais eram humanos em tempos primordiais, mas se metamorfosearam em seus corpos atuais”.²⁸ A ligação entre as forças está nisso. Krenak fala do processo de “despersonalizar” a natureza e uma vez fazendo assim, “esvazia o significado desta cosmovisão”.²⁹ Por cosmovisão, Krenak quer dizer “viver dentro da coisa [...] não é só verbalizar, mas viver dentro dela”.³⁰

A relação anímica que os indígenas têm com o que chamamos de natureza, vai além do meramente físico. Tudo está ligado e nada está solto nessa relação. Por isso que os Guarani, na sua cosmologia, concebem três mundos: o *Mundo Céu*, onde o Todo se manifesta como divindade; o *Mundo Terra* onde o Todo se manifesta como divindade; o *Mundo Intermediário* onde o Todo se manifesta na alma, trazendo a marca do feminino e a marca do masculino.³¹ Nada está fora. Tudo está no Todo. Até mesmo os “ventos são considerados vivos”.³²

Essa conexão anímica, passa muito longe da ideia de que o mundo é um substrato inerte na cosmologia indígena.³³ O é para o branco que julga deter o conhecimento, mas desconhece o espírito anímico que habita as matas, os rios, as montanhas, e não mantém uma relação de pertencimento com o Mistério inominável.

²⁷ KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 65.

²⁸ SZTUTMAN, 2021.

²⁹ KRENAK, 2015, p. 256.

³⁰ KRENAK, 2015, p. 258.

³¹ JECUPÉ, Kaká Werá. *O trovão e o vento: um caminho de evolução pelo xamanismo tupi-guarani*. São Paulo: Polar Editorial/Instituto Arapoty, 2016, p. 60.

³² INGOLD, 2013, p. 19.

³³ INGOLD, 2013, p. 19.

Resistir: capitalismo e catástrofe climática

A mesma dificuldade que muita gente tem em entender que a Terra é um organismo vivo, eu tenho em entender que o capitalismo é um ente com o qual podemos tratar. Ele não é um ente, mas um fenômeno que afeta a vida e o estado mental de pessoas no planeta inteiro – não vejo como dialogar com isso. (Ailton Krenak)

A crítica de Krenak ao capitalismo está na ferocidade com que “come o planeta”. Uma vez que “o modo de vida ocidental formatou o mundo como uma mercadoria”,³⁴ Krenak entende que o capitalismo está como uma espécie de metástase no planeta. Resta agora “lutar contra essa crescente necrose que o capitalismo representa”.³⁵ Para os povos originários, a relação economia/convivência passa, inexoravelmente, pela dignidade da vida. A vida sendo digna de ser vivida, as relações econômicas não serão pautadas pelo “ganhar mais”. É essa lógica que a modernidade/ciência não tolera: “Talvez o que incomode muito os brancos seja o fato de o povo indígena não admitir a propriedade privada como fundamento. É um princípio epistemológico”.³⁶ A lógica de mercado não alcançou o modo indígena de coexistir com a natureza. Mas isso se deu porque Krenak acredita que os povos originários escaparam dessa captura. Porque a tentativa é constante e, não sem razão, índios participam ativamente da depredação do seu ambiente (pastagem e garimpo ilegal) porque foram picados pelo mosquito da cobiça e da ganância que o capitalismo se especializou em reproduzir. Krenak acredita que apenas por esse motivo, a não captura pelo capitalismo, que os povos originários não foram triturados pela máquina de moer gente.³⁷ É por esse motivo que os povos ainda estão no mundo, resistindo a esse sistema-mundo ocidental. Aqui, portanto, reside uma reserva humana de como é possível não sucumbir ao modo capitalista de ser, até porque “todo mundo sabe que esses

³⁴ KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, p. 100-101.

³⁵ KRENAK, Ailton; CAMPOS, Yussef. *Lugares de origem*. São Paulo: Jandaíra, 2021, p. 60.

³⁶ KRENAK, 2020, p. 114-115.

³⁷ KRENAK, 2020, p. 111.

povos tem um jeito de estar na natureza que dispensa o que é o mundo do mercado”.³⁸

Considerações finais: “Suspende o céu”

A expressão “suspende o céu”, usada pelo filósofo e ativista Ailton Krenak, quer focar o que precisamos fazer caso queiramos adiar o fim do mundo. Essa experiência-sabedoria é parte da *cosmo-convivência* do povo *krenak*: “O meu povo, assim como outros parentes, tem essa tradição de suspende o céu”.³⁹ Segundo Krenak, essa tradição é evocada todas as vezes que um determinado povo sente a pressão, ou seja, quando o céu fica muito perto da terra, é preciso “suspende o céu”.⁴⁰ Diante da crise climática que estamos vivendo, Krenak acredita que essa tradição precisa ser evocada para todos. O ritual *taru andé* é, antes de tudo, uma experiência-sabedoria de comunhão com a vida e toda a sua teia de relações e isso confere aos povos originários a potência da vida.⁴¹ É por essa razão que Krenak entende que é o momento de todos fazerem essa experiência. Suspende o céu, portanto, “é ampliar o horizonte de todos, não só dos humanos”.⁴² Ampliar os horizontes significa abertura para refletir e agir a partir de um problema que estamos todos envolvidos, qual seja, o modo de vida que os humanos consagraram como o melhor em termos de progresso tem causado a depredação do planeta e isso decorre de uma mentalidade patrocinada e pensada pela modernidade/ciência. Se nada acontecer antes do fim, e, por acaso, “sobrevivermos, vamos brigar pelos pedaços de planeta que a gente não comeu”.⁴³

³⁸ KRENAK, Ailton. *Ailton Krenak*. Lisboa: OCA, 2020a, p. 24.

³⁹ KRENAK, 2020, p. 45.

⁴⁰ “Suspende o céu” é um ritual chamado *taru andé*. Faz parte desse ritual cantar e dançar para que a saúde da Terra e de todos os seres aconteça nessa experiência-sabedoria (KRENAK, 2020, p. 46).

⁴¹ KRENAK, 2020, p. 46.

⁴² KRENAK, 2020, p. 46.

⁴³ KRENAK, 2020b, 12.

Referências

- DANNER, Fernando; DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco. “Pensamento indígena brasileiro como crítica da modernidade: sobre uma expressão de Ailton Krenak”. *Griot: Revista de Filosofia*, v. 19, n. 3, p. 74-104, 2019.
- DUSSEL, Enrique. *Paulo de Tarso na filosofia política atual e outros ensaios*. São Paulo: Paulus, 2016.
- HABERMAS, Jürgen. *Teoria do agir comunicativo 1: racionalidade da ação e racionalização social*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.
- INGOLD, Tim. “Repensando o animado, reanimando o pensamento”. *Espaço Ameríndio*, v. 7, n. 2, p. 10-25, 2013.
- JECUPÉ, Kaká Werá. *O trovão e o vento: um caminho de evolução pelo xamanismo tupi-guarani*. São Paulo: Polar Editorial/Instituto Arapoty, 2016.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- KRENAK, Ailton. “Sobre a reciprocidade e a capacidade de juntar mundo”. In: KRENAK, Ailton; SILVESTRE, Helena; SANTOS, Boaventura de Sousa. *O sistema e o antissistema: três ensaios, três mundos no mesmo mundo*. Belo Horizonte, 2021, p. 63-78.
- KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- KRENAK, Ailton. *Ailton Krenak*. Lisboa: OCA, 2020a. (Coleção Tembetá).
- KRENAK, Ailton. *Encontros*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2015.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020b.
- KRENAK, Ailton; CAMPOS, Yussef. *Lugares de origem*. São Paulo: Jandaíra, 2021.
- LATOURETTE, Bruno. *Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza no antropoceno*. São Paulo/Rio de Janeiro: Ubu/Ateliê de Humanidades, 2020.
- NDLOVU, Morgan. “Por que saberes indígenas no século XXI?: uma guinada decolonial”. *Epistemologias do Sul*, v. 1, p. 127-144, 2017.
- STENGERS, Isabelle. “Reativar o animismo”. *Cadernos de Leituras*, n. 62, 2017.

- STENGERS, Isabelle. *No tempo das catástrofes: resistir à barbárie que se aproxima*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- SZTUTMAN, Renato. “A notável atualidade do animismo”. *Outras Palavras*, 2021. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/eurocentrismoemxeque/a-notavel-atualidade-do-animismo/>>. Acesso em: 21 out. 2021.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. “Alguma coisa vai ter que acontecer”. In: KRENAK, Ailton. *Encontros*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2015, p. 8-19.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Encontros*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2007.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Metafísicas canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural*. São Paulo: Ubu Editora, 2018.
- ŽIŽEK, Slavoj. *Vivendo no fim dos tempos*. São Paulo: Boitempo, 2012.

Submetido em: 25/06/2022

Aprovado em: 02/12/2022